

## Refaz

SAULO DOURADO\*

Paulo se levantou da cama e de olhos abertos nada via. Fim de madrugada em Canabrava. Tomar banho, escovar dentes, comer pão e pegar a mochila era tudo o que Paulo tinha de fazer. Só não penteava o cabelo porque não tinha – a cabeça era raspada, no corpo magrelinho. Dizem que ele parecia com o pai, mas não podia comparar: o homem partiu na seca de antes.

Acharia o pai o caminho de volta, agora que não estavam mais na roça e sim numa terra gigante? “Isso aqui é que é bom: tem petróleo, tem polo de indústria”, dizia o irmão mais velho, que se alembra do pai, mas sem comentar.

Paulo não soltava uma palavra no caminho de casa até o ponto de ônibus. Não conhecia muitas palavras, só as de pedir. No mais do tempo desenhava ou brincava com os bonecos. Quer dizer, só depois do almoço, quando ia para a casa onde a mãe trabalhava, ou depois do pôr do sol, quando voltava para o seu quarto. A

dona ajudava na mensalidade de Paulinho. A patroa era boa, católica.

A escola ficava em Amaralina, mais próximo do mar, e era do outro lado da cidade. Paulo pensava em como precisava apertar os olhos por conta da luz dos lugares próximos à escola. Quanto mais avançava para lá, o sol subia. Saía da noite do subúrbio para o dia, e era o menino que se movimentava, não o mundo: morava na noite, seguia para o dia. Quando voltava no fim da tarde, tinha a mesma impressão. Voltava para a noite, onde ficavam todos os que trabalhavam.

Claro que Paulo sabia disso não sabendo, quer dizer, não do jeito todo que a professora só lhe ensinaria alguns anos depois. O menino Paulo não tinha nem seis anos, mas até escrevia. Dona Cícera, sua mãe, diz que é porque a escola é muito boa, e ele acredita. A escola tem quadra com cesta de basquete, parque de balanço, e dois ventiladores no teto.

\* Escritor e professor. Mestre em Filosofia pela UFBA, publicou os livros de contos *O Autor do Leão* (Domínio Público, 2014) e *O Mar e Seus Descontentes* (Via Litterarum, 2016). Assina ficções no suplemento A Tardinha, do Jornal *A Tarde*, desde 2010. Teve o material infantil *O que não se fala em Kenakina* (SEC/SECULT) selecionado para distribuição em escolas pela Coleção Pactos de Leituras. Venceu os prêmios portugueses de literatura Ferreira de Castro e Correntes D'Escrita/Papelaria Locus, em categorias para prosa de jovens autores.

Na escola tinha ainda uma professora de teatro. Já no segundo dia de aula, ela ensinou uma brincadeira que todo mundo gostou e passou a repetir: o Refaz. Antes mesmo de entrar na sala de manhã, alguns dos meninos já brincavam pelo pátio, e é o que Paulo avistava ao chegar.

Um grupo se junta, pode ser com quatro, cinco ou dez pessoas, e alguém tem que sugerir um lugar de fantasia onde todos vão fingir que estão. Por exemplo, se alguém falar “floresta”, todo o grupo tem que inventar de algum jeito que está no meio de uma, seja como bicho, caçador ou árvore. Só quando outra pessoa grita “Refaz!”, todo mundo volta ao normal, até uma nova sugerir um lugar diferente e assim por diante. Vai perdendo quem cansar e sair. Paulo gostou mais de “Praia”, porque nunca tinha ido mesmo lá e achava que todo mundo podia fazer o que desejasse. Aí ele pulava, gritava e batia os joelhos nas mãos.

Quando Paulo se aproximou do grupo, a sirene já tocava. Todo mundo se desfazia e subia as escadas em um corre, uns xingavam, ou botavam o pé para cair, as meninas seguravam cadernos contra o peito, e as mais perfumadas olhavam tudo de um jeito extraordinário. Paulo não via nenhuma nos olhos, só assim de passagem pela escada ou através das carteiras. Decidiu que falaria com uma delas ainda aquela manhã.

Talita tinha o cabelo liso, castanho, o rosto claro: parecia tanto com as meninas de verdade. As meninas de verdade são as mais bonitas do mundo, mais do que a própria mãe. E são sempre tão simpáticas, fazem o que precisam para ajudar as pessoas e são tímidas, gostam de meninos e não contam. Quem sabe se ela gostava de Paulo e também não tinha coragem de abordar?

Quando já estavam na sala, e a professora havia pedido para pintar um mapa, ele foi até a carteira de Talita. Ela sentada ao lado de meninas também bonitinhas, mas não tanto quanto ela: “Oi. Você tem lápis de cor verde escuro pra me emprestar?”. Talita olhou para ele por um tempo. Paulo não sabia o que dizia o rosto, mas as sobrancelhas curvaram um pouco. “Tem na caixa de lápis da pró. Por que você não pega lá? Eu tô usando o verde escuro...”. E parou: “Você é o menino que traz lancheira, não é?” – sorriu ela, e as amigas olharam, rindo.

Paulo gostou que ela tivesse curiosidade. Era mesmo boa. “Por que é que você traz café com leite na garrafa?”, insistiu Talita, e as amigas gargalharam. O menino teve um pouco de medo das risadas e ficou confuso. A professora olhou na direção do barulho e pediu para que Paulo se sentasse.

O lanche do menino era feito com garrafa e um sanduíche envolvido em papel alumínio. Naquele dia ainda tinha uma banana manchada, o que deu um aperto no peito. Durante o recreio, ele comia sossegado enquanto o pessoal inteiro pulava em frente à cantina, para conseguir umas comidas cheias de muito queijo e molho. Agora achou tudo murcho. O pão de sal estava meio duro, a manteiga deixava o alumínio peguento, com pedacinhos amarelos que caíam.

Paulo se aproximou do lugar onde se conseguia comida com muito queijo e molho, que ouviu alguém chamar de *pizza*. Pizza, pizza – palavra bonita. Espremeu-se e berrou para a mulher do outro lado do balcão: “Eu quero uma *pit-ssa!*” E ela, de cabelos arrepiados, respondeu no barulho: “Cadê a ficha?”

Paulo não sabia de ficha. Observou os lados e soube que uns meninos olhavam

para ele, e ele de volta mirava as mãos com tiras de papel. Seria aquilo a ficha? Mas era papel! Achava engraçado o nome das coisas – o papel que está no caderno se chama folha, o papel que está na mesa se chama guardanapo, e o outro que fica do lado da privada é o higiênico, quando tudo era papel. Não que Paulo andasse trocando, e às vezes levasse o dever de casa para usar no banheiro, mas que achava esquisito, achava.

Resolveu que tinha mais uma pergunta a fazer a Talita, sentada com as amigas perto da quadra. “Como eu faço para conseguir uma ficha?”. Ela olhou para os outros com expressão de assombro. As amigas não riam mais, estavam em seu território de recreio. Paulo achou já que fosse o jeito delas e era melhor respeitar. “Comprando, ué”, ela respondeu. “Ah, sim, comprando...”, ele sorriu, sem graça.

Ao notar que ninguém mais olhava para ele, saiu na direção do balcão. Ficou na fila por um minuto. “Como é que eu faço para comprar?”, perguntou ao menino da frente. “É aqui mesmo”. Paulo insistiu: “Mas como é que eu faço?” E veio já a irritação: “Esperando a sua vez, oxi, que pergunta besta! Pega o seu dinheiro e compra”.

Paulo se sentiu cair do cavalo, o cavalo magrinho que o seu pai cuidara. É que não sabia bem o que era dinheiro e ficou com vergonha de demonstrar. Ouvia falar de dinheiro durante as brigas entre a mãe e o irmão, ou quando este mesmo irmão voltava do trabalho e dizia sentir “falta”, mas ninguém parava para explicar, para lhe mostrar bem o que era. Parecia algo duro. Pensou então em perguntar à pró, mas ela ia pensar mal de sua mãe.

O menino saiu da fila e jogou fora o lanche. Ficou com fome o resto da

manhã, roncando a barriga e sem prestar atenção mais em nada. Quando Dona Cícera o buscou, na hora do almoço, foi uma primeira coisa que ele perguntou. Ela ficou mais séria, quis saber o motivo da curiosidade. “É que eu quero ter a *pit-ssa*”.

A mãe não respondeu, foi de muda até o prédio três ruas depois, onde subiam pelo elevador de trás e chegavam ao apartamento da patroa. Paulo ficou de novo no quarto pequeno, com os bonecos sobre o colchão, mas sem achar tanta graça. O mundo se perdera de repente, e ele queria voltar a ficar encaixado, entendido.

Na escuridão do outro dia, na ida do ônibus, com muita gente ao redor, muito carro na rua, a mãe mostrou ao menino um papel colorido. No papel tinha a cara de uma mulher sem olho, ou melhor, sem o recheio do olho, e um número 2 bem ao lado. Dona Cícera explicou, enquanto Paulo manuseava: “Isso é aí a gente dá e recebe a coisa que quer. Quando panha uma coisa com dinheiro, a gente compra, se é sem dinheiro, a gente rouba, e roubar é feio”.

O menino ficou olhando de canto. Preferiu não dizer à mãe que não entendeu muito, para ela não achar que a escola boa tinha pouco serviço sobre ele e preferisse até trocar. Aí não! Ele queria usar o papel colorido, comer até o fio de queijo cair e depois conseguir conversar com Talita. Queria brincar de Refaz com ela na mesma roda.

Paulo passa a aula do dia seguinte distraído feito um pombo em cima do fio. Queria o recreio no próximo passo do relógio, que ficava bem perto do quadro. Chegou a errar conta, o que deixava a professora olhando demais para ele, e Paulo, que até gostava muito dela, só sabia virar o rosto para o ponteiro.

“Um minutinho, um minutinho”, disse a professora quando soou a sirene. Antes que Paulo se perguntasse o que acontecia, entrou uma mulher bem vestida, com um bolo de vela fina acesa e brilho de faíscas e começou a cantar: “Parabéns pra você, nessa data querida...”. O pessoal fez o coro e bateu palmas na direção que a pró indicava: era Talita, que ria e olhava para os outros, colocando as mãos na bochecha. Mais gente adulta entrava pela porta e colocava sobre a mesa docinhos e salgadinhos, muitos, muitos, de diferentes jeitos e formas, para então abraçar a aniversariante.

Alguém tocou música e todo mundo dançou, sem ninguém lembrar de ir para o balcão com a ficha. Mas não precisava, pois as bandejas de comida estavam liberadas para quem quisesse encher o prato. Paulo, depois de muito pensar ali parado, pegou um pão de queijo e engoliu uma coxinha, um brigadeiro, um casadinho. Entrou na festa e pulou. Esticou os braços com “viva, viva!” quando começaram a brincar de Refaz.

“Hospital!”, gritou um. Uma menina pareceu aplicar uma vacina. Um menino de óculos empinou o nariz e se sentou na cadeira, escrevendo no caderno. Três faziam uma cirurgia juntos. Paulo pôs a mão no abdômen, com uma expressão de dor, e caminhou devagar em direção à luz na janela. O brilho passava por entre os olhos quase fechados e lhe veio uma pontada: parecia que chegaria mesmo em algum lugar para além da luz. Até que alguém berrou enfim: “Refaz!”.

Na hora de descer as escadas para o pátio, mexeu no bolso e encontrou o papel colorido com o número 2. Nem precisou trocar pelo que queria! Todos comeram da mesma comida, e o papel do dia não lhe serviu. Se não tinha lhe servido, era

melhor fazer o mesmo que fazia com os desenhos de que não gostava. Embolou o papel colorido e o jogou na lixeira.

Dona Cícera transformou o rosto quando soube: parecia ter cem anos, parecia uma estátua de barro. Paulo a olhou e sentiu um arrepio. Continuavam os dois a andar pela orla, na direção da Pituba. O menino preferiu por um momento olhar as ondas, a areia, os homens jogando bola, mas a mãe era maior do que o mar. E transbordou. Dona Cícera chorava, mas sem soluço, e sim com os dentes de cima espremendo o lábio debaixo. “Por que você está chorando, mãe?”.

O primeiro tapa foi na orelha, o segundo foi na testa, o terceiro na bochecha, e o quarto na boca. A cabeça girava do mar para a mãe, e as luzes confundiam tudo. Um ardor passou pela língua do menino e fazia o sol queimar mais. A água veio do fundo de sua garganta e causou o berro. Paulo foi se encolhendo até à calçada, com as mãos sobre a cabeça.

“Levanta e entra na cidade, menino! Tá pensando que isso aqui ainda é a caatinga?”, falou firme a mãe. “Se é pra você viver aqui, vai ter de viver sem ser manso. Já se viu criar bicho de casa pra se largar na mata... A gente tá na mata, você vai ter que ser bicho de mata!”.

À noite, Paulo teve sonhos agitados. A mulher de olhos sem recheio da nota de 2 lhe aparecia sem corpo, flutuando dentro do quarto. Ela lhe dizia o que Paulo não conseguia ouvir, por mais que encostasse. A mulher se aproximava emanando luz azul e ficava acima de sua cabeça.

Foi acordado pela mãe: “Bora, você vai pra escola aprender”. A mãe lhe entregou a lancheira com um olhar bem forte no seu: “Isto é a sua comida!”. No caminho ao ponto, do ponto ao ônibus, do ônibus

à claridade, nada mais se disse, só se sacolejou. Paulo, que sempre entrava pela frente do ônibus, passou a notar o que a mãe fazia ao entrar pela roleta: entregava o dinheiro para o cobrador. Os outros passageiros também, o baleiro, o vendedor de água. Tudo estava cheio da mulher de olhos sem recheio.

Na escola, era dia de aula de Artes, e Paulo podia desenhar à vontade. Pegou um papel ofício e dividiu em oito partes. Em cada uma desenhou o número 2, a mulher-fantasma, e DIERO no canto. Pintou tudo com um azul forte e recortou parte por parte. Fez o mesmo com mais tantas folhas de ofício: em uns, escreveu o número 3, 4, 7, 9, e pintou das cores vermelho, marrom, lilás, até formar um bolo de notas e colocou no bolso na hora do recreio. A pró quis ver, ele só mostrou alguns e saiu correndo. Voltou para pegar a lancheira e desceu.

Havia um bocado de gente na cantina, outro bocado já comendo pizzas, e Paulo comia o seu pão com manteiga e café com leite. Esperou alguém começar a brincadeira. "Refaz!", anunciou um garoto no meio da quadra. Os colegas entraram, mesmo Talita com as amigas. Naquele barulho, naquele sol de manhã, Paulo foi o primeiro a gritar: "Compra!". E se pôs rapidamente a distribuir as suas notas. As meninas riram da grosseria daquele desenho. "Não existem essas notas. Cadê as de 50, as de 100?" Paulo insistiu: "Compra!".

O efeito se produziu pelo ambiente do jogo. Um garoto ofereceu uma nota a outro e pegou dele o chapéu. O mesmo aconteceu do outro lado da quadra, mas a troca foi um casaco e um relógio. Uma menina pegou mais uma pizza com um

colega com a nota de 9. As crianças curiosas começaram a se amontoar para ver o que acontecia.

Em um canto, um garoto deu um pontapé em outro porque achava o dinheiro pouco para um par de tênis. "Isso aqui só se for com o pé suado do seu pai!". Outros três corriam atrás de um baixinho que pegou notas de suas mãos. "Pega! Quem pegar faz montinho!". Uma garota, mais ligeira, apanhava dos bolsos dos colegas sem que percebessem.

A cada papel passado, logo se repassava em novo negócio. Teve menino que pediu para devolver logo o boné e deu um empurrão quando ouviu negativo, alguns puxavam o papel da mão e se espezinhavam até que se rasgou. Outros riam, riam, e não havia mais outro comando: queriam apenas ter notas. O jogo tomava as extensões do recreio, e mesmo Talita e as amigas participavam, com discrição. "Olha a pulseirinha daquela menina", sussurrava para alguém. "Compre o dela". E chegava para um garoto: "Por que não compra a bola? Você não quer a bola? Vá atrás de quem é dono".

Paulo correu da quadra, um tênis desamarrado, um casaco de alguém na cabeça, um fio de queijo na camisa, uma gota de molho. Parou em frente à cantina, arfando, para gritar:

– Refaz!

A mulher dos cabelos arrepiados se assustou. O rapaz das fichas o olhou com estranheza e colocou os braços sobre a caixa registradora.

– Refaz!

Recebido: 30 de novembro de 2016.  
Aceite: 06 de dezembro de 2016.